

PSICÓLOGOS NA COMUNIDADE: IMPORTÂNCIA E ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO

Maria de Fátima Quintal de Freitas
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO - Foram entrevistados psicólogos, num total de 14, que estavam atuando ou já haviam atuado em comunidade, na Grande São Paulo. Pretendia-se, a partir da prática desses profissionais, identificar orientações dadas ao trabalho em termos de se relacionar ou não à Psicologia. Para a apresentação neste estudo foram selecionados os temas: motivos responsáveis pelo ingresso na área, importância atribuída ao trabalho, presença ou não de objetivos definidos e condições necessárias para a inserção na área. A Análise de Conteúdo, em relação a estes temas, permitiu identificar fatores responsáveis pelo ingresso que se distribuíram desde uma curiosidade pessoal até uma preocupação em contribuir para a população e para a Psicologia. A orientação dada ao trabalho distribuiu-se desde eminentemente psicológica até exclusivamente sociológica. Algumas questões são levantadas em relação à especificidade da Psicologia e à identificação do seu objeto de estudo nesta área.

PSYCHOLOGISTS IN THE COMMUNITY: IMPORTANCE AND ORIENTATION OF THE WORK UNDERTAKEN

ABSTRACT - Fourteen psychologists who work with communities in the metropolitan area of São Paulo were interviewed. It was aimed, from the practice of those professionals, to identify the orientation that was given to their work, specially to see whether the work was related or not to Psychology. For the purpose of this article, the following themes were selected: the main reasons for doing community type of work and its importance for them; what were the objectives, if any, of the work done or being done; what are the necessary conditions one needs in order to work with communities. An Analysis of Content applied to these themes, made it possible to identify that motivation ranked from personal curiosity to their

Este trabalho constitui parte dos dados da dissertação de mestrado desenvolvida na PUC/SP, no programa de Psicologia Social, sob orientação do Prof. Dr. Salvador A. M. Sandoval. Endereço: Rua Natalina Daher Carneiro, 740/101 A; Jardim da Penha; 29.060 - Vitória, ES.

contribution to the community and to Psychology itself. It was also found that the main orientation given to the work by those interviewed ranged from strictly psychological to sociological work. The author raise some questions concerning psychological intervention and the specificity of this object of study in the area of community work.

Nas últimas décadas, especialmente nas de 70 e 80, a sociedade brasileira tem presenciado a mobilização de diversos setores em torno de diferentes problemáticas, necessidades e interesses. À medida que as formas de organização popular vão ocupando um espaço e um lugar historicamente definidos, verifica-se a participação da universidade quando se coloca ao lado ou dentro dessas lutas reivindicatórias dos diversos setores sociais.

Vários campos, na figura de seus profissionais, inseriram-se na participação e discussão dos movimentos e fenômenos sociais. Assistentes sociais, cientistas políticos e profissionais da área de saúde têm deixado seu tradicional *habitat* profissional para participarem de uma realidade que deve, então, ser desvendada. Isto traz a necessidade de reflexões e redefinições a respeito de aspectos intrínsecos a cada profissão: questões metodológico-conceituais e posicionamentos político-ideológicos assumidos por seus representantes.

As transformações políticas e econômicas pelas quais tem passado a sociedade têm, de alguma maneira, contribuído para colocar em destaque questões relativas à formação dos profissionais e ao papel que assumem nos chamados conflitos sociais. Não fugindo a isto, encontramos também a Psicologia que, internamente, tem vivido alterações significativas em termos de produção de novos conhecimentos; e, externamente, tem sido chamada a responder às indagações do homem contemporâneo que se depara com inúmeras contradições no seu cotidiano.

Nesse contexto, a Psicologia e, em particular, a Psicologia Social têm enfrentado várias dificuldades nas últimas décadas. De um lado, a necessidade cada vez maior de se definir em termos de objeto de investigação e, de outro, o posicionamento político-social, inerente à própria prática, cobrado pela sociedade ou pelas outras disciplinas que já estão contribuindo de algum modo para o avanço dos setores desprivilegiados da sociedade.

Mesmo diante desses impasses e indefinições, vários psicólogos com as mais diferentes formações e interesses passaram, nos últimos anos, a se deslocar ou a estabelecer contatos sistemáticos com as populações desprivilegiadas. Numa pesquisa desenvolvida por Carvalho (1984), 20% de 605 psicólogos recém-formados, na cidade de São Paulo, entrevistados entre 1978 e 1982, indicaram como área de atuação, outra diferente das áreas tradicionais de trabalho em Psicologia. Além deste percentual ser superior e, conseqüentemente, significativo ao encontrado em pesquisas anteriores, esse dado revela uma categoria nova da atuação dos psicólogos, englobando as atividades que Carvalho (1984) denominou de: autônomas; área empresarial; assistenciais; entidades comunitárias e instituições. Estas duas últimas - entidades comunitárias e instituições - representam respectivamente, 13,20% e 64,15% dos psicólogos que têm como trabalho desenvolvido outra área de atuação diferente das tradicionais.

O que o psicólogo faz, como se inseriu na realidade das populações desfavorecidas, quais as dificuldades que tem enfrentado e como avalia o próprio trabalho, têm sido algumas questões levantadas por esse tipo de prática. Considerando estas inda-

gações e também a crescente necessidade de sistematização das experiências e atuações do psicólogo em comunidade, apresentamos a seguir algumas informações decorrentes de uma investigação realizada com profissionais de psicologia, na Grande São Paulo, que trabalhavam em comunidade.

METODOLOGIA

Como uma das preocupações da investigação realizada era identificar profissionais que trabalhavam junto a comunidades e, conseqüentemente, poderiam estar desenvolvendo os chamados trabalhos comunitários, considerou-se de relevo proceder a um estudo exploratório, em que as conceituações do trabalho em comunidade e comunidade fossem criados a partir da própria prática desses profissionais, e não de definições criadas *a priori* por quem investigasse essa realidade. Dessa forma, um dos aspectos decisivos para a escolha dos entrevistados era o de que estivessem realizando alguma forma de intervenção junto a populações desprivilegiadas, intervenção essa não dependente basicamente das relações oriundas da sua atividade como um profissional remunerado.

Inicialmente foram contatados 31 profissionais de Psicologia, que estavam ou já haviam desenvolvido algum trabalho em comunidade na Grande São Paulo. A dificuldade de encontrar profissionais que estivessem trabalhando com as populações desfavorecidas deveu-se, em grande parte, a um temor generalizado de tornar públicas as atividades desenvolvidas, especialmente pelo fato de que se iniciara há pouco o processo de abertura política. Desses 31 profissionais foi possível coletar dados apenas com quinze, sendo que para quase metade deles tornou-se necessário mais de um encontro a fim de explicitar os objetivos da pesquisa. Destes, a entrevista de um deles foi desconsiderada devido a problemas técnicos de entendimento da gravação, não tendo sido possível encontrá-lo novamente.

Várias foram as dificuldades para se localizar os entrevistados tais como: falta de informação precisa sobre os locais nos quais as pessoas desenvolviam os trabalhos em comunidade; grande número de atividades realizadas por esses profissionais, tornando exíguo seu tempo para a entrevista; e, especialmente, um temor de divulgar seu trabalho.

As entrevistas foram gravadas com a permissão dos sujeitos e posteriormente transcritas na íntegra, sendo submetidas a uma análise de conteúdo. Utilizou-se um roteiro para o desenvolvimento da entrevista, cuja seqüência foi alterada em função do encaminhamento dado pelo sujeito. Este roteiro procurava abarcar questões relativas à história acadêmica e profissional; às razões para a inserção e para o desenvolvimento de trabalhos em comunidade; à avaliação do próprio trabalho e de outros trabalhos que tivesse conhecimento; à metodologia empregada para o desenvolvimento de suas atividades; à apreciação sobre o papel da pesquisa e do pesquisador junto aos trabalhos em comunidade; à formação considerada necessária para o desenvolvimento de trabalhos em comunidade; aos problemas enfrentados pelo profissional e pela população, assim como às características da população com a qual trabalhava.

As informações obtidas foram analisadas procurando-se proceder a uma espécie de análise longitudinal, em que cada profissional era comparado consigo mesmo ao longo dos temas abordados e, depois eles eram comparados entre si em relação aos mesmos temas. Ao final, tentou-se encontrar as continuidades e descontinuidades

des entre os profissionais, procurando-se identificar os referenciais em cada aspecto que estariam delimitando seu trabalho e sua atuação junto àquela realidade.

Dos 14 psicólogos entrevistados, seis (42,9%) são do sexo feminino e oito (57,1%) do masculino. Apenas três (21,4%), durante o processo de coleta de dados ocorrido entre dezembro de 1984 e março de 1985, encontravam-se em período final de conclusão do curso de Psicologia. A escolha destes três sujeitos ocorreu em função de, embora não terem concluído o curso, encontrarem-se na fase de formação profissional, aliado também às dificuldades, na época, de serem identificados profissionais que estivessem desenvolvendo algum trabalho com camadas populares.

Como se observa na Tabela 1, a ocupação profissional dos entrevistados distribui-se desde exclusivamente magistério superior (50%) até a participação como membros de congregações religiosas (35,7%), passando por atividades em consultório particular (35,7%) e em postos de saúde e instituições penais (28,6%). A maioria deles (57,1%) fez ou está fazendo algum curso de pós-graduação, nas áreas de concentração Psicologia Social e Clínica, sendo que os demais na sua maioria (57,1%)

Tabela 1 - Distribuição dos profissionais em função das variáveis sexo, ocupação profissional, experiência anterior em trabalhos em comunidade e participantes de cursos de pós-graduação.

Ocupação Profissional	Exp. ant. em trab. comunit.	SEXO			
		MASCULINO		FEMININO	
		PÓS-GRADUAÇÃO		PÓS-GRADUAÇÃO	
		cursada	Não cursada	cursada	Não cursada
Psicólogo clínico: Consultório	1º Trab.	E-3	E-13	E-2	E-10
	Outros			E-14	
Magistério Superior	1º Trab.	E-13	E-2	E-1	
	Outros	E-7	E-12	E-11	E-9
Psicólogo: Posto de Saúde, FABES e Instituição Penal	1º Trab.	E-3			E-6 E-10
	Outros			E-14	
Congregação Religiosa	1º Trab.				
	Outros	E-12	E-4 E-8 E-11		E-5

pertencem a congregações religiosas, tendo feito anteriormente outro curso como Filosofia e Teologia.

Os que estão atuando em comunidade pela primeira vez são aqueles que primordialmente trabalham numa linha mais clínica, seja nos próprios consultórios, seja nos postos de saúde ou nas instituições penais e ligadas à família.

A maioria dos profissionais (64%) entrevistados obteve a formação universitária na segunda metade da década de 70, seguidos por aqueles que se formaram no período de 1981 a 85 (28%) e apenas um deles obteve sua titulação para trabalhar em Psicologia antes de 1960.

O início das atividades em comunidade concentrou-se no período de 1980 a 84 (42.8%), seguido pelos períodos de 74 a 79 (35.7%) e 66 a 70 (21.4%). Daqueles que começaram a desenvolver seus trabalhos a partir de 1974 (78.6%), metade deles está ligada às congregações religiosas, o que indica que talvez a inserção nesse tipo de realidade tenha sido facilitada pela proposta de atuação das entidades religiosas às quais pertencem.

RESULTADOS

As informações aqui apresentadas referem-se a parte dos dados colhidos junto aos profissionais. Devido à extensão dos mesmos e à natureza desta publicação, centrar-nos-emos em quatro pontos para tentar caracterizar o psicólogo que trabalha em comunidade:

- a) os motivos responsáveis pelo ingresso nessa área;
- b) importância atribuída ao desenvolvimento do trabalho;
- c) objetivos que regulam o desenvolvimento do trabalho; e
- d) condições necessárias para alguém desenvolver trabalhos nesta área.

Antes, porém, é importante explicitarmos as características de formação e atuação dos psicólogos, características estas que permitiram reuni-los em três grupos de profissionais atuantes em comunidade. Estas características referem-se ao tipo de orientação (social e/ou psicológica) que imprimem ao trabalho que desenvolvem, pautando-se para isso pelo uso de instrumentais que variam desde os exclusivamente pertinentes à Psicologia, até aqueles que não pertencem a essa área de atuação, chegando várias vezes a empregar instrumentais de outros campos profissionais.

Observa-se no primeiro grupo - denominado de Orientação Psicológica - um trabalho caracterizado por um atendimento individual da população, utilizando testes, entrevistas, grupos operativos e outras medidas psicológicas a fim de poder diagnosticar a problemática dessa clientela. Esse tipo de trabalho refere-se, geralmente, a uma psicoterapia breve ou a uma consulta de apoio, objetivando indicar possíveis alternativas para ser iniciado um processo de prevenção em termos de saúde mental. O modelo de trabalho utilizado é o clínico-psicológico, à semelhança dos consultórios particulares, visando uma ação curativa em relação aos problemas apresentados pela população. No trabalho desenvolvido pelo segundo grupo de profissionais há o atendimento de aspectos individuais - problemas emocionais, familiares e de relacionamento - e ligados à vida comunitária na sua globalidade, como saneamento básico, moradia, relacionamento grupai e organização popular. Assim, a orientação imprimida ao trabalho desenvolvido por estes profissionais pode ser chamada de Psicológico-

Social, uma vez que enfoca os problemas populacionais não apenas sob a ótica eminentemente psicológica, mas também considerando os aspectos sociais e seus determinantes.

No trabalho dos profissionais do terceiro grupo - de Orientação Social - as questões de organização, mobilização e reivindicação da população em torno de seus problemas são enfatizadas. Aspectos ligados ao indivíduo - ansiedade, neurose e outros - não são enfocados com prioridade absoluta, mas quando considerados, os aspectos globais da comunidade e sua própria dinâmica são elementos decisivos na determinação desses aspectos individuais. Os temas ligados às condições reais de vida da população têm prioridade no encaminhamento do trabalho comunitário.

RAZÕES PARA INGRESSAR NA ÁREA E IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DESENVOLVIDO

Grupo de Orientação Psicológica:

Os profissionais aqui reunidos justificam sua inserção nessa área, através de motivos pessoais (50%) ligados à curiosidade em conhecer a realidade das comunidades e em termos de fazer uma "boa ação", colocando os serviços da Psicologia à disposição da população. Além disso, há também a preocupação de tornar a Psicologia mais conhecida e mais próxima das camadas populares (50%), de tal forma que essa profissão deixe de ser encarada apenas como "algo que se destina aos loucos".

Quanto à importância atribuída ao desenvolvimento de trabalhos em comunidade, como se observa na Tabela 2, todos são unânimes em indicar o fornecimento de assistência psicológica à população, como prevenção de problemas e crises decorrentes de desinformação, desconhecimento e falta de preparo e estrutura da população para o enfrentamento de seus problemas. Indicam também a preocupação em obter dados e informações a respeito da população (50%) para caracterizá-la, encaminhando os diagnósticos às autoridades competentes a fim de serem tomadas as devidas providências.

Indicam também como importância política para este tipo de trabalho, a necessidade do psicólogo refletir sobre o modelo de transformação social desejado, devendo se colocar ao lado das classes menos favorecidas, uma vez que são as que mais necessitam de sua atuação profissional.

Grupo de Orientação Psicológico-Social:

Todos os profissionais deste grupo iniciaram-se neste tipo de trabalho devido à sua história passada, seja em função de sua formação clerical (25%) cuja opção é pelos menos favorecidos, seja devido à própria origem social operária e ao contato com pessoas de formação marxista (25%), seja em função da participação na Pastoral Universitária, no tempo da graduação (50%). Além disso, como se observa na Tabela 2, a identificação política com as classes populares, o interesse em contribuir para a Psicologia em termos de encontro de instrumentais adequados a esse tipo de população e a solicitação feita por entidades populares para a participação do psicólogo, foram outros motivos indicados para a inserção nessa área.

A importância atribuída para a realização dos trabalhos comunitários é basicamente política (75%), quando contribui para a organização popular e transformação

Tabela 2 - Motivos responsáveis pelo ingresso em trabalhos comunitários e importância atribuída a tais trabalhos, pelos profissionais dos Grupos de Orientação Psicológica, Psicológico-Social e Social.

Importância atribuída	MOTIVOS RESPONSÁVEIS PELO INGRESSO						
	História passada	Interesse/ identificação c/ cl. populares	Contribuição à Psicologia	Interesse em pesquisa	Filantropia e curiosidade	Retorno humano	Contribuição à população
Importância Política	E-1 E-7 E-12 E-4 E-5 E-8 E-11	E-1 E-4 E-5 E-8 E-9 E-11	E-13*			E-4	E-12 E-13* E-14
Aquisição de conhecimento s/ população		E-9		E-3*	E-10		
Fornecer assistência psicológica	E-6 E-12	E-9	E-2* E-6 E-13*	E-3*	E-2* E-10*		E-2* E-6 E-1 E-13* E-14
Desmistificação da Psicologia	E-6		E-6		E-10*		E-6
Formação de profissionais radicados	3-12	E-9					E-12
Possibilidade de reflexão à Psicologia		E-9					

- Grupo de Orientação Psicológica: entrevistados com (*)
Grupo de Orientação Psicológico-Social: entrevistados sem nenhuma indicação
Grupo de Orientação Social: entrevistados com (———)

2. A letra "E" indica entrevistado, e o número que a segue a ordem de realização das entrevistas.

social e quando permite que a Psicologia se "redima de uma antiga aliança estabelecida com as classes dominantes". Apontam como importância, também, o fornecimento de assistência psicológica à população (50%), sendo o psicólogo um mediador entre a comunidade e as instituições psiquiátricas, cujo trabalho visa a prevenção de problemas psicológicos. Desmistificar a Psicologia e formar profissionais radicados

na própria comunidade são duas outras tarefas colocadas como sendo necessárias, neste tipo de trabalho.

Grupo de Orientação Social:

Os motivos responsáveis pela inserção destes profissionais em trabalhos comunitários distribuem-se entre história passada (67%), caracterizada pela opção por congregações religiosas voltadas para os pobres e pela participação em movimentos sociais reivindicatórios; identificação política (83%) destinada a promover a participação da população em torno de suas necessidades; contribuir com a população (17%) através da promoção social e do atendimento de expectativas populacionais em termos da realização de trabalhos de educação popular; e, retorno humano (17%) motivando o profissional dessa área.

Coerentemente a isso, todos indicam uma importância política para o trabalho, caracterizada pela formação de consciência - individual e de classe - que possibilite um aumento da percepção da população a respeito de suas necessidades e potencialidades, favorecendo formas de organização e mobilização com vistas à transformação social. A deselitização da Psicologia, sob a forma de aproximação às camadas menos privilegiadas (17%), é outra importância indicada para este tipo de trabalho.

Os profissionais com formação exclusiva em Psicologia indicam outras importâncias para o desenvolvimento dos trabalhos comunitários: prevenção da saúde mental através da assistência psicológica (17%), resgate da saúde mental através do incentivo às formas de vida comunitária, concretizada pela discussão conjunta dos problemas enfrentados (17%). Esta última importância é caracterizada em termos de conhecimento sobre as formas organizativas da população; de formação de profissionais e estagiários de psicologia com conseqüente redefinição desse curso; e de reflexões sobre a Psicologia, objetivando o encontro de metodologias que orientem a prática voltada para uma mobilização da população.

OBJETIVOS DO TRABALHO DESENVOLVIDO E CONDIÇÕES PARA SUA REALIZAÇÃO

Grupo de Orientação Psicológica:

Todos os profissionais deste grupo defendem a necessidade dos trabalhos apresentarem objetivos definidos pelo psicólogo, que deve se preocupar em produzir benefícios para a população. Esses benefícios situam-se no papel do profissional que deve mostrar à população a utilidade do trabalho psicológico, destinado ao diagnóstico dos problemas e necessidades da comunidade, imprimindo-lhes uma ação curativa.

Quando indagados sobre as condições teóricas ou práticas, necessárias para o desenvolvimento de trabalhos em comunidade, indicam bibliografia apenas psicanalítica, como Caplan e Bleger, e apontam o embasamento associado a fatores sociológicos, que discuta as questões da saúde mental, como Bohoslavsky e Moffatt.

Grupo de Orientação Psicológico-Social:

Todos os profissionais deste grupo concordam que os trabalhos comunitários devem ter objetivos claros, em termos de orientarem a intervenção realizada, produ-

zindo também benefícios para a população, seja oferecendo mais serviços psicológicos, seja instrumentalizando-a para que se torne autora do seu processo social.

Inicia-se, neste, grupo, o aparecimento de preocupações claras com a profissão, de modo amplo e específico. Específico, ao focar e avaliar os aspectos metodológicos e técnicos da psicologia; e, amplo, ao se voltar para os aspectos necessários para a formação de consciência da população, viabilizada pelas formas de organização e mobilização populares.

Metade dos profissionais indicam apenas o domínio de conhecimentos teóricos - psicanalítico, seguido por conhecimento sociológico - como sendo necessário para o início dos trabalhos em comunidade. Os demais distribuem-se entre indicar um embasamento sociológico específico - questão da luta de classes nos movimentos sociais - até enfatizar a necessidade de experiência anterior em movimentos reivindicatórios.

Grupo de Orientação Social:

Todos indicam a necessidade de existirem objetivos orientadores para os trabalhos em comunidade. Contudo, a maioria deles (67%), considera que os objetivos devem ser estabelecidos pela população, a partir de suas características e necessidades. Os outros atribuem ao psicólogo a responsabilidade de determinação dos objetivos (17%); ou à população e psicólogo que, juntos, determinem os rumos do trabalho para a formação de uma consciência crítica e para o estabelecimento de formas de vida comunitária.

Em relação à capacitação necessária para a realização de trabalhos em comunidade, é enfatizada a experiência e o conhecimento anteriores a respeito de movimentos sociais, reforçados por leituras e discussões relacionadas a esses assuntos. Apenas um profissional (17%) exclui a experiência anterior em movimentos sociais como sendo básica, indicando como suficiente o embasamento psicanalítico complementado por leituras sociológicas.

DISCUSSÃO

Grupo de Orientação Psicológica:

Identifica-se uma preocupação comum a todos os entrevistados deste grupo: a de fornecer os serviços psicológicos à população menos favorecida. O trabalho do psicólogo, caracterizado pelo atendimento individual, é deslocado do consultório para locais mais amplos, menos formalizados e mais próximos à própria região de moradia das pessoas.

Pode-se entrever, a partir da prática destes profissionais, uma tentativa de expansão do campo de trabalho da Psicologia, seja no atendimento psicológico ou na realização de pesquisa sobre as camadas populares. As técnicas e instrumentais empregados pode-se dizer que são considerados eficazes e neutros, uma vez que há um deslocamento da prática do consultório diretamente para as comunidades, como se a tarefa do psicólogo fosse apenas descobrir e compreender os aspectos diferentes da população para poder ajudá-la. Estabelece-se um círculo no qual o profissional deixa de ser responsável por seus insucessos ou dificuldades no seu trabalho, pois dispõe de um instrumental considerado adequado e cuja eficácia se comprova nos

resultados satisfatórios que tem obtido com a clientela dos consultórios particulares. Se, com a comunidade o sucesso não se dá na mesma direção, isso traz mais uma confirmação das crises e falta de estruturação da população, para as quais a ação do psicólogo torna-se necessária. A condução de um trabalho com estas características enfatiza os aspectos técnicos da profissão, ou seja, o fundamental é o encontro de técnicas eficazes para o tratamento de populações carentes.

Isto chama a atenção para o perigo da ação profissional se centrar exclusivamente na procura de instrumentais eficazes e aperfeiçoados, que acabam sendo determinados *a priori*, sem a participação daquele a quem se destina, esquecendo-se de considerar até a possibilidade de que - se o sentido do trabalho fosse determinado a partir das características e das condições da população com a qual se trabalha - talvez, nenhuma técnica ou instrumental tradicional fosse adequado e possível de ser utilizado.

Grupo de Orientação Psicológico-Social:

Os profissionais deste grupo colocam as características e necessidades da comunidade como aspectos norteadores do como, para quê e por quê o trabalho comunitário será desenvolvido. Encontram-se dois sub-grupos de sujeitos que se diferenciam quanto ao trabalho desenvolvido.

Um deles emprega técnicas da Psicologia e amplia sua atuação ao considerar as condições precárias de vida da população, relacionando-as ao aparecimento de problemas de ordem psicológica. O outro sub-grupo preocupa-se em adquirir uma compreensão global dos aspectos político-econômicos que influenciam a vida pessoal e coletiva dos elementos da comunidade, para que possa se colocar ao lado das classes oprimidas.

Algumas considerações podem ser feitas aqui com relação a esses sub-grupos.

Em um deles, há uma preocupação clara em desindividualizar e deselitizar a Psicologia. Contudo, isto não se dá simplesmente aproximando a Psicologia da população e tornando-a disponível para uma camada social, até então excluída dos seus serviços. Fazer isto é continuar com uma forma assistencial de tratamento, em que a população recebe os serviços daqueles mais conhecedores de uma parte da realidade que a afeta, e também, assumir a postura de protetora da população "indefesa". Assim, sob o rótulo da deselitização da Psicologia, pode-se encontrar uma sedimentação do caráter assistencial da atuação do psicólogo, podendo se constituir num entrave para o desenvolvimento da própria comunidade, uma vez que, segundo Medina (1977), essa posição acaba mantendo uma situação de dependência e dominação, em que o profissional age para a população e esta é considerada como necessitando da atuação daquele.

No outro sub-grupo há a preocupação de que a Psicologia assuma como objeto seu, a esfera social em termos de mudanças e possibilidades de transformação social e política. Fazer isto, contudo, sem uma reflexão sobre si mesma - enquanto corpo de conhecimento específico e compromisso político - poderia colocar a Psicologia à sombra de outras disciplinas e acabar não contribuindo para o avanço também da população. Isto aponta para a importância da especificidade da profissão - como mais um aspecto a ser considerado e somado aos que compõem a globalidade da realidade - e, também, para a vinculação necessária da profissão ao momento político, às influências econômicas e às mudanças sociais.

Grupo de Orientação Social:

Aqui, os profissionais têm uma preocupação mais nítida quanto à atuação em comunidade, o que permitiu identificar três sub-grupos.

Para o primeiro deles, o trabalho comunitário deveria voltar-se para dois aspectos fundamentais: o da formação da consciência individual e o da formação de consciência de classe social.

Para o segundo sub-grupo, a atuação do psicólogo - indicada vagamente - fomentaria uma maior participação da população em torno do atendimento de suas necessidades.

Para o terceiro, o trabalho comunitário destinar-se-ia também à formação da consciência na população, através do treinamento de lideranças que catalisariam o processo vivido pela comunidade. A Psicologia não foi apontada como uma disciplina para essa finalidade e nem foi utilizada de forma sistemática.

Algumas considerações merecem ser colocadas aqui a partir dos posicionamentos destes três sub-grupos.

No primeiro sub-grupo, aparece a indicação de um caminho para a Psicologia Social: orientar-se para o processo de formação de consciência, nas relações estabelecidas pelas pessoas no seu cotidiano. Esse caminho não compactuará com uma psicologia individualista, em que os processos pessoais são vistos sob a ótica clínica, e nem cairá numa posição essencialmente sociológica, em que é feita a anulação do indivíduo que se diluiria no contexto social. A questão central está no compromisso ideológico-político, de um lado, e na especificidade profissional da Psicologia, de outro. Assim, a indagação de como fazer a mediação desses dois aspectos - sem que a população e o profissional percam suas identidades e sem haver o rompimento desse compromisso - é levantada. Através das características até agora apontadas, esse parece ser o caminho adotado pelos profissionais que buscam a intersecção e a mediação desses dois aspectos: o social, quanto às condições concretas de vida, micro e macro-grupal, que afetam o indivíduo; e, o psicológico, no sentido de como se dá a internalização dessas influências, como são elaboradas pelo indivíduo na sua história individual e coletiva, e como externaliza nas suas relações pessoais e ações político-sociais. Isto nos remete à questão da vida cotidiana, que envolve a participação do homem, com todos os aspectos da sua individualidade - como ser particular e ser genérico - como bem mostra Heller (1972), ocorrendo na rede de relações sociais.

Através dos posicionamentos do segundo sub-grupo, observa-se que, na realização dos trabalhos comunitários, diferentes são os profissionais e as formações recebidas e muitos não foram preparados para fazerem a passagem de sua formação técnico-profissional para a prática do trabalho desenvolvido. Contudo, essa falta de preparo refere-se muito mais a um distanciamento da psicologia e a um pacto estabelecido com a burguesia, do que a aspectos pessoais de seus profissionais em termos de potencialidades. Ligando-se à especificidade profissional, o fato dos trabalhos terem apenas uma preocupação sociológica indica pelo menos três implicações:

- a) uma, do ponto de vista da força da organização popular, que poderia ter o acréscimo do trabalho de um profissional que possuísse a especificidade da sua profissão e uma visão histórica das condições sociais;

- b) outra, do ponto de vista da própria profissão, que através da vinculação do profissional com a prática comunitária, contribuiria para a reflexão e redefinição da sua profissão de acordo com a dinâmica da comunidade; e,
- c) conseqüentemente, poderia ser uma área de atuação reconhecida pelos profissionais, pela comunidade e pelas instituições que poderiam subsidiar esse tipo de trabalho, sem desvirtuar o seu caráter comunitário e o compromisso estabelecido com a população.

E, finalmente, através do terceiro sub-grupo, verifica-se que posturas voltadas tanto para a manutenção do *status quo* e das relações de dominação-subordinação, como para a transformação e libertação populares e para o incentivo à formação da consciência de si e de classe, enfatizam os aspectos da população e os fatores sociais, condicionantes da vida da comunidade, não deixando, portanto, de ter um caráter social. Falar simplesmente que um trabalho está "voltado" ou engajado socialmente, não indica que ele esteja de fato, objetiva e subjetivamente, se colocando com e na comunidade, no sentido indicado por Freire (1976), de lutar pela libertação dos setores populares, contribuindo para o fortalecimento dos mesmos em termos de ocuparem o seu espaço histórico-político na relação Capital-Trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, gostaríamos de tecer alguns comentários a respeito da Psicologia dentro do trabalho comunitário, a partir da prática desses profissionais presentes nos grupos abordados.

Tomando-se como base os motivos responsáveis pela inserção nesse tipo de prática, a relevância atribuída ao desenvolvimento do trabalho, a existência ou não de objetivos, e as condições necessárias para a realização desses trabalhos, pode-se depreender dos diferentes posicionamentos e práticas dos entrevistados, concepções a respeito do que entendem por uma Psicologia Comunitária.

Contribuir para a construção de uma Psicologia Comunitária, para alguns profissionais - os do grupo de Orientação Psicológica - implica em adotar um modelo clínico-psicológico individual, através do qual as crises, ansiedades e neuroses das pessoas, moradoras em bairros de periferia como favelas e cortiços, possam ser curadas na terapia breve, visando estruturá-las a fim de que previnam, também, crises futuras.

Os profissionais presentes no grupo de Orientação Psicológico-Social têm concepções diferentes a respeito da relação da Psicologia com a comunidade. Para um dos sub-grupos, fazer Psicologia Comunitária é desempenhar o papel tradicional de psicólogo, no próprio local de moradia da população, inteirando-se das condições e características da comunidade, a fim de compreendê-la a atendê-la, fornecendo-lhe os mesmos recursos que, costumeiramente, são dados às camadas mais privilegiadas e que têm acesso à Psicologia. Para o outro sub-grupo, fazer Psicologia Comunitária é um grande desafio, uma vez que os aspectos da identificação política e do compromisso ideológico do psicólogo estão claros e decididos; contudo, a especificidade da sua profissão, tanto técnica como metodológica, ainda não foi respondida. Desta forma, o modelo de trabalho adotado caracteriza-se por uma intervenção destinada à organização, mobilização e transformação da comunidade. Como isto seria feito, que instrumentais seriam utilizados e sobre que aspectos incidiriam, são questões levantadas pela prática destes profissionais, porém não respondidas.

Com os profissionais representados no terceiro grupo - Orientação Social - verifica-se, pelo menos, em um dos sub-grupos, o aparecimento de algumas respostas para a questão da especificidade da Psicologia em relação aos trabalhos em comunidade. Para o primeiro sub-grupo, fazer Psicologia Comunitária significa buscar formas de atuação que possibilitem refletir, avaliar e avançar, tanto os aspectos ligados à comunidade na sua totalidade, como aqueles relativos ao indivíduo, a nível pessoal. Para isso, é necessário compreender as relações que o indivíduo estabelece, no seu cotidiano, consigo mesmo e com a comunidade e, ao mesmo tempo, como isso é incorporado por ele e como se concretiza nas suas ações. A questão da especificidade profissional, no segundo sub-grupo, não é a prioritária. Para este sub-grupo, fazer Psicologia Comunitária é contribuir para a mobilização da população. O papel do profissional é o de ser intermediário entre a população e as autoridades, contribuindo para a organização daquela em torno de suas reivindicações. Finalmente, a prática do trabalho comunitário e a relação com a psicologia é enfatizada em termos do seu produto pelos profissionais do terceiro sub-grupo. Para eles, fazer Psicologia Comunitária é desenvolver trabalhos de base, segundo as necessidades da população, independentemente da especificação técnica do profissional. A ênfase está na adoção de meios e estratégias que permitam à população assumir o seu próprio processo de desenvolvimento e participação, indicando na realidade um compromisso político do profissional com as causas populares.

REFERÊNCIAS

- Carvalho, A.M.A. (1984). Modalidades Alternativas de Trabalho para Psicólogos Recém-Formados. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 6, 1-14.
- Freire, P. (1976). *Educación y Cambio*. Buenos Aires: Ediciones Búsqueda.
- Heller, A. (1972). *O Quotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Medina, C.A. (1977). *Participação e Trabalho Social*. Rio de Janeiro: Vozes/CERIS.

Texto recebido em 17/7/88